

DIFICULDADES NA ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS PANDÊMICOS E PÓS-PANDÊMICO: POR ONDE ANDAM OS LETRAMENTOS DIGITAIS?”

Vanessa da Silva Almeida¹

**Eixo Temático 10: Alfabetização e Pandemia: desafios, aprendizados e
perspectiva**

Resumo: Apresento aqui, parte da pesquisa em andamento, do curso de Doutorado, intitulada “Práticas docentes em tempos pandêmicos e pós-pandêmico: por onde andam os letramentos digitais?”, que tem como problema de pesquisa a problematização das práticas docentes em tempos de pandemia e pós-pandemia, com enfoque nas reconfigurações no modo de atuação docente, analisando as reverberações dos letramentos digitais na educação, considerando as dificuldades no processo de alfabetização. Tendo como referência a perspectiva teórica dos Estudos Culturais em Educação, procuro investigar os modos como os docentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental investiram no tempo pandêmico e têm investido, nesse período pós-pandêmico, nos letramentos digitais em suas práticas pedagógicas, com vistas a intensificar e ampliar os processos de alfabetização de seus alunos. A pesquisa foi de cunho qualitativo, através de um trabalho de investigação por meio de um grupo focal, organizado em 4 encontros semanais, que ocorreram no mês de abril/2023, com duração média de 2 horas, através da ferramenta virtual google meet. Nas narrativas dos professores participantes observou-se “identidades docentes”, que foram envoltas pelo medo, próprio do período pandêmico, mas também “fragmentadas”, apontando os desafios sobre e com o trabalho tecnológico e a superação para novas formas de ensinar.

Palavras-chaves: Estudos Culturais; Docência; Pandemia; Alfabetização; Letramentos Digitais.

Introdução

Na pesquisa de doutorado, procurando focar meu olhar para a escola de ensino fundamental, no período pandêmico e pós-pandêmico, pude notar que as

¹ Doutoranda em Educação pela ULBRA/Canoas. Professora da rede municipal de ensino de Triunfo/RS. Contato: psicovanessaalmeida@gmail.com

dificuldades e os desafios para os docentes foram intensificados. Os professores precisaram e tem precisado estabelecer novas formas de ser e estar docente, precisaram e tem precisado aprender novas metodologias virtuais para dar conta de um processo educacional que atingiu os protagonistas principais, ou seja, os alunos.

Como profissional atuante na educação, frente à gestão de uma escola, senti fortemente a necessidade de direcionar meu olhar para tais mudanças, com vistas a analisar os processos de ensino e aprendizagem, considerando os letramentos digitais no contexto escolar. Pensar na relação entre o conhecimento e os usos dos recursos tecnológicos e da escrita no meio digital, de maneira crítica e ética das práticas sociais da cultura digital, pensar nas mudanças advindas do avanço tecnológico e da evolução da cultura digital e nos significados produzidos e compartilhados através de práticas sociais das tecnologias digitais, mídias digitais e linguagens midiáticas, pode ser um caminho a ser percorrido para pensar os múltiplos letramentos na escola.

Busco com a pesquisa analisar como as identidades docentes, em tempos de pandemia e pós-pandemia, considerando os letramentos digitais, têm sido afetadas pela produção midiática sobre a temática, assim procuro mapear algumas das representações docentes produzidas em tempos de pandemia e pós-pandemia sobre a relação dos professores com os letramentos digitais, discutir acerca das dificuldades e dos desafios que os docentes encontraram/encontram no ensino com os letramentos digitais em suas atuações profissionais, problematizar sobre como tais representações docentes produzem discursos (significados) que operam nos modos de analisar o contexto escolar e a inserção do uso dos letramentos digitais.

2 Fundamentação teórica

Tomando como referência a perspectiva teórica dos Estudos Culturais em Educação, busco investigar, a partir da produção de dados em um grupo focal, como os docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental precisaram reinventar-se para adequação das práticas pedagógicas e, ao mesmo tempo, readaptar-se para tentar dar conta da aprendizagem e da alfabetização dos seus alunos, no período pandêmico e pós-pandêmico.

O campo dos Estudos Culturais não é hegemônico e os caminhos investigativos da pesquisa são multifacetados, ultrapassando as fronteiras de concepção conceitual e metodológica. Há os discursos produtivos, que produzem realidades a partir das formas como acontecem e com quem se está dialogando. Os Estudos Culturais não tomam os conceitos como finalizados, cristalizados; alguns conceitos geram tensão, sendo construções sempre abertas.

Costa, Silveira e Sommer (2003) ressaltam que os Estudos Culturais em Educação, reforçam a questão da desnaturalização de discursos, de teorias e da organização disciplinar, também apontando a intensificação do debate sobre identidade, diferença e processos de subjetivação.

Os Estudos Culturais em Educação têm, assim, ampliado análises significativas para a educação. Nesse campo, as pesquisas desenvolvidas vêm trabalhando com diferentes temas, problematizados de uma forma peculiar. Nesta pesquisa, enfatizo as representações docentes e suas ressignificações no decorrer do período pandêmico e pós-pandêmico, acionando conceitos de cultura, currículo, docência, representações e identidade. A articulação entre os Estudos Culturais e a Educação, conforme Andrade (2011, p. 58), apresenta “um fecundo espaço para se pensar e se problematizar questões contemporâneas que interessam à educação”.

3 Metodologia

A coleta de dados foi realizada com 12 professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de ensino de Triunfo, no Rio Grande do Sul, Região Metropolitana de Porto Alegre. A escola atende alunos desde a Educação Infantil até os Anos Finais do Ensino Fundamental, com aproximadamente 350 alunos. A escolha da escola deu-se em razão da proximidade da pesquisadora com os professores, uma vez que atualmente está atuando como gestora da referida escola.

A pesquisa desenvolvida teve um cunho qualitativo, através de um trabalho de investigação por meio de grupo focal. O grupo focal foi organizado em encontros semanais, no mês de abril/2023, perfazendo um total de 4 encontros, com em média 2 horas de duração, através da ferramenta virtual Google Meet.

Essa ferramenta metodológica tem um procedimento interativo, onde a interação é focada mais no grupo e menos focado na interação entre as pessoas, de modo que “as informações se produzam na dinâmica interacional de um grupo de pessoas” (BARBOUR, 2009; GATTI, 2005 APUD DAL’IGNA, 2014, p. 205).

Os encontros foram mediados pela pesquisadora, sendo entregue um “artefato deflagrador”, texto para leitura prévia, antes de cada encontro.

No primeiro encontro, utilizei a reportagem da Nova Escola: “Qual é a situação dos professores brasileiros durante a pandemia?”, tendo como objetivo discutir as dificuldades que os docentes encontraram ao lidar com o ensino remoto. As questões deflagradoras a partir da leitura foram as seguintes: Como foi trabalhar na educação em tempos de pandemia? Quais foram e têm sido os principais desafios enfrentados por vocês?

No segundo encontro, busco problematizar os desafios e dificuldades enfrentados pela comunidade escolar, através da Reportagem Zero “Merenda contra a fome” e posteriormente o lançamento das questões deflagradoras: Quais dificuldades sociais a pandemia trouxe à tona para a comunidade escolar? Como a falta da rotina da merenda escolar repercutiu na sua turma?

Já no terceiro encontro, tendo como objetivo refletir sobre o modo como tais dificuldades e desafios afetam suas identidades docentes, utilizei como artefato deflagrador a reportagem da Nova Escola “Os caminhos para recomposição de aprendizagens pós-pandemia”, com as questões norteadoras: Como foi a adaptação dos alunos ao retorno presencial? Quais foram as principais dificuldades encontradas pelos professores?

E, no quarto encontro, busquei analisar os desafios da escola contemporânea e do professor no século XXI, através da leitura prévia de um artigo da Revista Educação & Realidade, “Desafios à Escola Contemporânea: um diálogo”, com análise e lançamento das seguintes questões: Quais são os desafios enfrentados pela escola contemporânea? Quais são as competências e habilidades necessárias ao professor no século XXI?

No processo de análise das “rodas de conversa” no grupo focal, organizei dois eixos analíticos: identidades docentes no contexto pandêmico e identidade docente

no contexto pós-pandêmico. Devido ao número de laudas para escrita desse artigo, apresentarei a análise do primeiro eixo: identidades docentes no contexto pandêmico.

4 Resultados e Discussão

O primeiro encontro do grupo focal, ocorreu em 26 de abril, iniciando às 17h e 30 min até às 19h. A discussão foi desencadeada, conforme já dito, com a reportagem da Nova Escola: “Qual é a situação dos professores brasileiros durante a pandemia?”, tendo como objetivo discutir as dificuldades que os docentes encontraram ao lidar com o ensino remoto.

Os professores participantes mostraram-se ativos e receptivos aos questionamentos, tendo o momento do grupo como forma de manifestar pensamentos e emoções. As falas trouxeram consigo muita ansiedade, expressa através do discurso do medo, da insegurança, das incertezas e do descaso das famílias. Relataram, de forma enfática, as dificuldades oriundas do processo de ensino e aprendizagem, no período pandêmico, ressaltando as condições econômicas e sociais das famílias e o descomprometimento da mesma, como um dos principais fatores prejudiciais ao desenvolvimento cognitivo dos alunos.

O grupo enfatizou o prejuízo no processo de alfabetização, pois nesse período sem a escola de forma presencial e formal, os alunos tiveram o afastamento social e físico dos professores e passaram por uma “lacuna” na aprendizagem, , mesmo apesar da escola e dos professores ofertarem momentos online e envio de atividades, os alunos, na sua grande maioria, além de não participarem das atividades virtuais, também não retornaram com a devolutiva dos trabalhos escritos recebidos no período pandêmico.

Analisando o primeiro encontro do grupo focal, pode-se observar alguns desses aspectos “circulando” na fala dos professores participantes. Ao comentar sobre as atividades *online* uma professora participante relata que não obteve a mínima participação e retorno dos alunos, fato que está em sua visão, vinculado ao descomprometimento das famílias dos alunos: *“Nós não temos a presença da família. É nós e nós. A gente faz o possível. Olha eu consigo muita coisa pela parte afetiva, dizendo tu consegues, vamos lá, tu consegues, tu és capaz. Alguns a gente até consegue, mas outros a gente não vai conseguir atingir. Porque se a criança sabe ler,*

escrever, interpreta mesmo com dificuldade em algumas outras coisas ela vai, mas alguns não conseguem. Então eu penso hoje assim que isso é um grande problema. E a gente não está conseguindo resolver isso sabe?” (Pa1/ 1º ano/ 1º encontro)².

Outra professora participante comentou que essa escola sempre esteve inserida em uma realidade de vulnerabilidade social e que após a pandemia esse fato se agravou, decorrente pela falta de recursos humanos e pelo distanciamento dos alunos aos seus professores: *“Nossos alunos, nossa clientela de alunos já era, já tinha aquela aprendizagem defasada e isso, então eu pra mim eu me sinto preocupada, preocupada, tentando buscar tudo que posso assim que a gente pode, mas a gente vê que ficou muita lacuna na pandemia com relação à aprendizagem.” (Pa2/5º ano/ 1º encontro)*

É visível que as dificuldades de aprendizagem se acentuaram pós pandemia, há uma lacuna no processo de alfabetização da maioria dos alunos, evidenciados na fala dos participantes da pesquisa, principalmente pela falta de apoio familiar no período pandêmico de isolamento social nas escolas desse município.

Outra professora participante também relatou as dificuldades cotidianas enfrentadas no período da pandemia, enfatizando o medo, a insegurança e as fragilidades emocionais que acabaram por dificultar o desenvolvimento das aprendizagens básicas dos alunos, em especial, os desafios pertinentes ao processo de alfabetização: *“(…)medo, muito medo, medo de errar com os alunos? É a gente não sabia em alguns momentos, o que fazer? A gente não sabia o que fazer, como a gente ia proceder. Noites mal dormidas com medo da pandemia e pensando na inovação, o que a gente vai fazer? O que vai dar certo? Vai dar certo?” (Pa3/1º Ano e AEE/1º encontro).*

Ressaltou que a escola sempre teve esse problema de alfabetização e que as dificuldades sempre existiram, em especial, quanto à leitura e a escrita, mas que a pandemia trouxe agravantes ainda maiores. Destacou também o descaso das famílias com a escola, quando não fizeram e não fazem o mínimo pelos filhos, os professores acabam por se sobrecarregar e se comprometer por essas fragilidades, o que acarreta

2 Para identificar os professores participantes foi utilizada a letra “P” - indicando ser um professor -, o número para diferenciar os participantes, as letras “a” ou “o” para identificar o gênero desse sujeito e o ano escolar do Ensino Fundamental em que atua ou seu cargo.

significativa exaustão emocional e desgaste físico, sintomas, ainda, presentes na fala da participante: *“Eu cheguei assim no final do ano, esgotada, é assim, parece não ter feito nada, essa é a sensação, parece que eu não fiz nada, que eu não consegui atingir ninguém e eu trabalhei muito. Essa é a minha, isso que ficou assim pra mim, mas é isso, agradecer pela vida, que a gente está aí viva pra contar essa história e trabalhar, trabalhar pra recuperar isso tudo.”* (Pa1/ 1º ano/ 1º encontro).

O supervisor destacou o impacto que sentiu ao vir trabalhar no município de Triunfo, em relação ao descaso das famílias dos alunos, que não se fazem presentes no cotidiano escolar da vida de seus filhos: *“E aqui na [escola] eu senti foi um impacto que eu mais senti foi a questão da presença da família, a família realmente deixa assim muito a desejar, os professores por exemplo, não podem levar nem dar trabalho pra casa qualquer coisa que dependa de um pouquinho, pelo menos ali do incentivo do pai ou da mãe, não tem retorno, sabe? Só vai e não volta. Ou se volta é um ou dois, né? Então esse é um é uma diferença que eu senti muito assim. Esses poucos mais de cinco meses que eu estou aí na [escola].”* (Po1/Supervisor/1º encontro).

Segundo o relato do grupo, essa comunidade escolar nunca se fez presente e atuante na escola, não sendo essa uma questão somente do período da pandemia: *“Sem contar com essa questão da família, o que os colegas comentaram também, a minha turma com dezessete alunos apareceu duas mães e uma delas me disse assim, professor, não manda nada pra casa porque eu não sei ensinar. Se o senhor mandar uma tarefa pra casa eu não vou saber ensinar meu filho. Se eu puder dar aqui na sala de aula o senhor dá aqui na sala, porque aqui em casa a gente não vai conseguir fazer essa atividade, então toda a dificuldade, né? Que o entorno, que a comunidade também os pais também tem essa dificuldade.”* (Po2/ 5º Ano1º encontro.).

Os professores participantes destacaram o desafio e as dificuldades impostas pelo uso das tecnologias da informação e da comunicação, sendo a resistência ao novo e o não domínio tecnológico, fatores determinantes no período pandêmico. Ressaltando também como foi positivo as aprendizagens e avanços tecnológicos a partir da prática virtual exercida no período de isolamento social e afastamento ao ambiente escolar.

“E pra mim também eu acredito que foi um aprendizado, apesar de todos esses sentimentos aí que a gente passou, porque a gente aprendeu mais, quanto a parte da informática praticamente zerada, o pessoal da educar web que nos ajudou

muito, foi incansável nesse momento de nos ajudar, a escola também, mas era tudo muito estranho, nossa, aquela sensação dos professores, dos encontros, do nosso final de ano, tudo aquilo que a gente passou, que a gente foi ali de máscara, dentro do carro, comemorando praticamente o que não tinha que comemorar e comemorando porque tinha muito o que comemorar, porque estava ali com vida, encerrando um ano letivo, então assim, foi muito difícil mesmo, mas se passou e estamos aí.” (Pa2/5º Ano/1º encontro).

Uma professora trouxe em sua fala, de forma destacada, a questão do medo, ressaltando o aspecto emocional, como foco que embasou todo o processo: *“Então assim, bem difícil, assim o emocional, o medo, porque a gente quer que o aluno aprenda, muito difícil, é uma inovação, mas a gente que assim entrar e vai dar certo, vai dar certo, vai dar certo. Se não der assim vamos tentar de outra maneira, mas vai dar certo, e acabou que algumas coisas deram, mas a maioria não deu. O nosso aluno voltou com muita defasagem, inclusive, quando chegou na sala de aula, eles não conseguiam sentar”.* (Pa3/1º Ano e AEE/1º encontro).

Segundo a professora, muito medo de errar, medo de trabalhar com as inovações, por diversas vezes, a necessidade de pedir ajuda para enfrentar a pandemia e conseguir utilizar as tecnologias como forma mediadora de trabalho, não conseguindo imaginar uma turma de 1º ano com aulas à distância, despertando o sentimento de alheia ao aluno, uma ação sem o olhar, sem o toque, sem o compartilhamento de práticas, sem o professor presente e atuante. *“Mas aí eu vejo que o professor sempre se coloca nesse papel de repensar, de planejar novamente, de levar novas coisas, de comprar material diferente, enfim, de N situações, de compartilhar material igual a gente faz muito”.* (Pa4/ 2º Ano/1º encontro).

De certa forma, pode-se ressaltar a maneira tradicional que os professores participantes estavam adaptados no ambiente escolar, ou seja, alguns professores destacam que tinham domínio pelo “quadro e giz” o que tornou ainda mais doloroso esse processo de adaptação ao método virtual e readaptação a uma nova metodologia de ensino, baseando-se nas tecnologias como norteadoras do processo de ensino e aprendizagem.

A Pa4/2º ano, ainda, trouxe à tona as exigências da mantenedora e de órgãos educacionais, questionando o real suporte que a escola vem ou não recebendo, destaca a importância da secretaria municipal de educação pensar e repensar as inovações e projetos lançados à escola, pois há um visível distanciamento entre o que

se vive e o que se exige das instituições escolares: *“E acredito que a rede também precise pensar mais um pouco na realidade dentro da escola e quando as pessoas estão fora do ambiente escolar parece que fica um pouco distante, por exemplo, bem básico assim ó, ah eu saí, fui trabalhar lá na Secretaria de Educação e lá eu vou ter ideias que são realmente lindas, né? Muitas vezes seriam maravilhosas se de fato acontecessem. Mas quando chega na porta da escola a gente tem uma série de questões que não tem como dar conta, por diversos motivos, né?” (Pa4/ 2º Ano/1º encontro).*

De acordo com Pa4/2º ano, há uma certa falta de tolerância na convivência dos alunos, desencadeada pelo período de isolamento social. Falou enquanto ex aluna e atual professora, destacando problemas que se repetem entre as gerações, que sempre houveram dificuldades na escola, porém as mesmas se acentuaram no período pandêmico, devido a falta de acompanhamento próximo que os professores dessa escola sempre exerceram com seus alunos, mas ressalta que visualiza uma melhora em âmbito escolar: *“A gente tem principalmente as questões emocionais dos nossos alunos. Eles vêm com muitas questões, a gente tem alunos que não tem tolerância de convivência (...) então, a gente trabalha também muito com a realidade de ouvir eles, trazer eles pra dentro da sala, pra eles trazerem as vivências que eles têm, né? E isso eu vejo que a gente consegue sim fazer e é mérito de todos nós analisarmos o nosso trabalho e vemos que a gente trabalha muito próximo do nosso aluno, a gente conhece. E assim ó, eu fui aluna dessa escola fiz todo o meu ensino fundamental a partir da segunda série até o oitavo e eu tenho muito orgulho de ter voltado pra ali como professora. Hoje eu dou aula pra alunos filhos de meus colegas. Então assim, eu vejo que os problemas tem alguns que se repetem, as gurias que tão há trinta anos na escola tem problemas que se repetem, já conhecem o avô, o tio, o pai, mas assim, eu vejo uma grande melhora na nossa escola, uma grande melhora mesmo. E assim, gurias, às vezes a gente acha que, ah, hoje não foi legal, mas assim, todos nós conversando no dia a dia, a gente percebe que a gente procura melhorar. Então assim, se a gente procura melhorar, se a gente procura escutar o nosso aluno, a gente também tá tendo conquista, né”. (Pa4/ 2º Ano/1º encontro).*

Caótica, desastrosa, crítica foi a contextualização do panorama da educação em relação a alfabetização, evidenciado pelos professores participantes, apontando um diagnóstico sombrio frente as demandas escolares.

Nas narrativas dos professores participantes sobre a crise educacional, observou-se “identidades docentes”, que foram envoltas pelo medo, próprio do período pandêmico, mas foram “fragmentadas”, apontando os desafios sobre e com o trabalho tecnológico e a superação para novas formas de ensino. A discussão sobre essas representações foi um dos propósitos que a presente tese busca pesquisar.

5 Considerações finais

Por fim, destaco que na perspectiva dos Estudos Culturais, as identidades são consideradas construções sociais e culturais temporárias. De caráter provisório e contingente, acabam se modificando a partir das representações e dos discursos com que os sujeitos têm contato.

Assim, em uma análise inicial do 1º encontro do grupo focal, observam-se alguns aspectos que se tornaram amplamente visíveis na narrativa dos professores participantes em vista dos desafios da educação no período pandêmico. Entre estes aspectos, estão: a capacidade de resiliência, o comprometimento, a dedicação e a persistência do educador, que passou a reinventar-se nesse novo cenário de crise mundial, enfrentando desafios que, muitas vezes, não estão no prisma de seu controle imediato.

Referências

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SOMMER, Luís Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Revista Brasileira de Educação, Campinas, n. 23, p. 36-61, maio/jun./jul./ago. 2003.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. **Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico-metodológico**. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologia de pesquisa pós-críticas em Educação. Belo Horizonte: Mazza, 2014.